

A ANIPB é a Associação Nacional dos Industriais de Prefabricação em Betão e é o organismo Normalizador do sector. Tem analisado, participado e traduzido as Normas Europeias que regulam o sector, em conjunto com o IPQ através da comissão técnica constituída para o efeito, com outras Associações, Entidades Científicas e de Investigação. Assim os industriais terão mais á vontade para implementar os procedimentos que levam à Marcação CE e Certificação das empresas.

O sector é constituído por cerca de 245 empresas, sendo que 95% são pequenas e micro empresas. Estas faturavam cerca de €500.000.000,00/ano e gastavam cerca de 10% do cimento produzido em Portugal, ou seja, cerca de um milhão e duzentas mil toneladas. Empregavam cerca de 4.000,00 trabalhadores.

Na última década, os produtos pré-fabricados tiveram muita procura pelo que, as empresas para responder ao mercado, tiveram de fazer investimentos contando com as entidades bancárias para o financiamento, quer no âmbito tecnológico (equipamentos), quer no âmbito técnico (capacidade e controle de qualidade) e de gestão (controle de custos e produtividade), quer ainda no melhoramento das condições de produção.

No entanto, há três anos começou a haver uma acelerada deterioração da situação do sector o que levou a:

- 1) Diminuição de produção;
- 2) Despedimento de pessoal;
- 3) E pedido de insolvências.

E porquê?

- a) Por não haver um planeamento a médio prazo, uma estratégia para o sector da construção. Parece até que o

sector não tem importância para a economia do País, quando a fileira da construção e do imobiliário já foi responsável por cerca de 20% do PIB; quando o sector é o de maior empregabilidade. O sector da construção e imobiliário de facto mobiliza diretamente outros sectores quer a montante, quer a jusante.

- b) Por não se concretizarem as ideias de reabilitação/regeneração urbana, as quais passarão certamente pela aprovação da Lei das rendas e de uma taxa liberatória. Esta situação poderá levar ao desenvolvimento de soluções e desenvolvimento de outros materiais para que se atinjam os parâmetros de conforto.

De notar, que em alguns países o mercado de reabilitação/regeneração atinge mais do que 32%, chegando nalguns casos a atingir os 50% do volume de faturação do sector da construção. Portugal não vai além dos 5 a 6%.

- c) Por não se realizarem obras de utilidade económica, tais como:

- Vias férreas (vias chamadas transeuropeias que liguem os nossos Portos ao centro da Europa: Portos de Leixões, Aveiro, Lisboa, Setúbal e Sines);
- Plataformas logísticas;
- Recuperação e melhoramento dos traçados rodoviários para melhorar as acessibilidades e diminuir a sinistralidade;
- Regeneração de pontes, pontões e viadutos.

- d) Por existirem atrasos nos pagamentos;

- e) Por a justiça ser lenta, as obrigações fiscais estarem sempre a alterar, desincentiva o investidor;

- f) Por não haver apoio financeiro às médias, pequenas e micro empresas.

Não há financiamento para novas iniciativas de ampliação ou apoio à exploração de certas indústrias, algumas até exportadoras. As respostas dos bancos demoram muito tempo, quer quando são positivas (poucas), quer quando são negativas. Os spreads praticados pelas entidades bancárias são absolutamente insustentáveis.

- g) Por não haver investimento.

Por estas razões, verifica-se que o nosso sector está entrar no caminho da ruína o que se traduzirá, sem qualquer dúvida, num aumento do desemprego real.

De facto

“Há que tocar a rebate”